

# NOTAS DE LEITURA SOBRE HIPERENUNCIADOR E PARTICITAÇÃO NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA<sup>1</sup>

Roberto Leiser Baronas<sup>2</sup>

*Não basta que as coisas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande. Por isso os ditos que alegamos se chamam autoridade, por que o autor é o que lhe dá o crédito e lhe concilia o respeito* (Padre Antônio Vieira).

**RESUMO:** Neste artigo, tomamos como objeto de análise a pregação religiosa, mais precisamente o *Sermão da Sexagésima*<sup>3</sup> do Padre Antônio Vieira. Ancoramos nosso trabalho nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de orientação francesa, sobremaneira nas reflexões de Dominique Maingueneau acerca das categorias de *hiperenunciador* e *participação* (2005)<sup>4</sup>.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do discurso; discurso citado; hiperenunicação e participação.

## READING NOTES ABOUT THE HYPERENUNCIATOR AND PARTICITATION IN THE SERMON OF THE SIXTIETH BY FATHER ANTONIO VIEIRA

**ABSTRACT:** In this article, we took as an object of analysis the religious preaching in Father Antônio Vieira's *Sermon of the sixtieth*. Our work is based on the theoretical and methodological assumptions from the French Discourse Analysis perspective, more specifically, Dominique Maingueneau's reflections on the discursive categories of *hiperenunciator* and *participation*.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis; quoted discourse; hyperenunciator and participation.

---

1 Uma versão modificada deste texto foi apresentada em mesa redonda, durante o Colóquio Cenas da Enunciação, realizado em novembro último na Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia –MG.

2 Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar e professor colaborador do Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. E mail [baronas@ufscar.br](mailto:baronas@ufscar.br)

3 Trabalhamos aqui com a edição publicada no Portal Domínio Público [www.dominiopublico.br](http://www.dominiopublico.br)

4 Tradução de Roberto Leiser Baronas e de Fábio César Montanheiro, publicada em *Cenas da Enunciação*, pela Parábola Editorial, em 2008.

## 1. Sobre o *corpus*

O *Sermão da Sexagésima* do Padre Antônio Vieira<sup>5</sup> foi proferido na Capela Real de Lisboa em março de 1655, provavelmente para um público constituído por católicos da nobreza lusitana. Pela estruturação lingüística e argumentativa bastante elaborada, é considerado, pelos estudiosos da sermonística de Vieira, como o seu mais importante sermão. Está dividido em dez capítulos. Neles, em primeira pessoa, o Padre Vieira critica ferozmente uma das correntes do estilo barroco, vigente à época. Toma como mote para sua pregação a Parábola Bíblica do Semeador, *Semen est verbum Dei*, retirada do Evangelho de São Lucas.

Trata-se de um texto em que o orador, para criticar uma das correntes do Barroco, tece duros comentários à maneira como os oradores de seu tempo faziam as pregações. Para Vieira, esses maus pregadores eram comparáveis ao semeador que semeia nas pedras e nos espinhos, locais em que, embora o trigo possa nascer, jamais dará frutos. Esses pregadores, segundo Padre Vieira, ao falarem sobre diversos assuntos ao mesmo tempo acabavam por falar de nenhum de forma eficaz. Vieira acrescenta que, ao tentarem agradar aos homens, eles acabam por deixar de pregar a Deus. Desse modo, apesar de a palavra de Deus ser extremamente poderosa, a pregação, por ser mal proferida, surtia pouco efeito entre os fiéis.

Vieira conclui dizendo que os culpados por essa pouca eficácia de suas pregações são os próprios padres. Estes “pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus”. Esse sermão pode ser considerado como um verdadeiro tratado sobre a elaboração de sermões. Nele, Antônio Vieira expôs o método que adotava na elaboração da sua sermonística: primeiro, definir a matéria; segundo, reparti-

---

5 Para Maria Lucília Gonçalves Pires quando nos debruçarmos sobre a obra de Vieira “facilmente verificamos que os Sermões são o título principal da sua glória literária. Os seus textos oratórios (cerca de 200 sermões) chegaram até nós, não na forma em que foram pronunciados, mas, quase todos, na forma que o seu autor lhes quis dar ao prepará-los para a impressão, tarefa a que dedicou os últimos vinte anos da sua longa vida. O primeiro dos volumes que assim prepara, recuperando o que da sua pregação restava no que chama os seus “borrões” (textos completos, fragmentos de sermões, planos, esboços, etc.) é publicado em 1679. Nos anos seguintes, primeiro em Lisboa, depois (a partir de 1681) na Baía, prossegue este trabalho, publicando sucessivamente mais onze volumes. O último (o 12º) é enviado para Lisboa para ser impresso já depois da morte do seu autor”.

la; terceiro, confirmá-la com a escritura; quarto, confirmá-la com a razão; quinto, amplificá-la dando exemplos e respondendo às objeções, aos argumentos contrários e, por último, tirar uma conclusão e persuadir o público. Trata-se, portanto, de uma espécie de meta-sermão, no qual Vieira, além de propagar um conhecimento dogmático religioso, transmite também um ensinamento prático no tocante à elaboração de bons sermões.

Ao longo do sermão, Vieira toma, por exemplo, as citações bíblicas “(...) reúne amigos e vizinhos, e diz-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida” (Lucas 15:6); “Ovelhas perdidas foram o meu povo (...), esqueceram-se do lugar do seu repouso” (Jeremias 50:6), para enfatizar que só os que sabem fazer verdadeiramente uma boa pregação são capazes de pescar os fiéis perdidos. Vieira usa a metáfora da rede de pesca para mostrar que, do mesmo modo que a rede tem chumbo e cortiça: o primeiro para manter a rede no fundo da água e a segunda para sinalizar em que local a rede se encontra, a pregação tem uma parte mais leve, mais superficial e a outra mais pesada, mais profunda e que governa o leve e o pesado com precisão só possível para aquele artesão que tece a rede, isto é, o bom pregador é aquele que sabe como dosar os argumentos profundos e os superficiais na tarefa de persuadir os fiéis. Acreditamos, no entanto, que a evocação do texto bíblico inscreve o sermão na problemática do discurso citado, instigando uma abordagem discursiva.

Refletir nos dias de hoje sobre um discurso proferido no século XVII, diante de tantos temas mais atuais e urgentes, poderia ser objeto de questionamento. Entretanto, tal análise se justifica entre outras razões pelo fato de esse tipo de discurso se constituir, por um lado, numa materialidade enunciativa bastante singular, instaurando instâncias enunciativas pouco vistas em outros tipos de texto, o que implica uma necessária redefinição das categorias analíticas existentes nas teorias do discurso e, por outro, tal discurso está bastante vivo ainda na nossa sociedade, principalmente nas performances dos “televangélicos dos dias atuais” (MAINGUENEAU, 2008, p. 218).

## 2. Sobre a teoria

### 2.1 Hiperenunciador e participação

Dominique Maingueneau, em *A noção de hiperenunciador*, aborda a problemática do discurso citado. De acordo com o teórico francês,

Quando se analisam os “usos da citação”, dois planos interagem: o dos *procedimentos*, categorizados à base de critérios diversos (enunciativos, tipográficos, sintáticos, prosódicos: discurso direto, indireto, direto livre, discurso direto com *que*, etc.) e o dos *lugares*: gêneros (o jornal, o romance...), tipos de discursos (a imprensa...), posicionamentos (o discurso comunista, surrealista) (MAINGUENEAU, 2008a, p. 93).

No entanto, esse tipo de discurso recebe, por parte do autor, um tratamento totalmente diferente dos adotados até então. Maingueneau se interessa por um sistema de citação singular, a “participação”, “palavra valise que une participação e citação”. Essa categoria transita por diversos gêneros que circulam amplamente na nossa sociedade. Embora tenha bastante circulação, esse fenômeno não deve ser visto como um procedimento, lingüístico ou argumentativo. Trata-se, na verdade, de uma “certa forma de mobilizar o aparelho enunciativo, ao qual estão associados, de modo regrado, alguns gêneros de discurso e alguns marcadores lingüísticos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 94).

Na participação, diferentemente da citação tradicional na qual um enunciador mobiliza a fala de um outro, quer para corroborar com a sua argumentação quer para localizar e manter as palavras desse outro à distância, o enunciador cita um discurso que não pertence a um autor em específico, mas a uma espécie de *Thesaurus* de uma determinada comunidade com o objetivo de buscar o seu pertencimento a essa comunidade. Assim, para validar o seu discurso, o enunciador recorre a um hiperenunciador: uma instância enunciativa que tem por referente entidades transcendentes. Na palavras de Maingueneau (2008, p. 94),

- O enunciado “citado” é um enunciado autônomo, porque ele já o é originalmente ou porque ele foi previamente autonomizado mediante sua extração de um texto.
- Essa citação deve ser reconhecida como tal pelos alocutários, sem que o locutor que a cita indique sua fonte e nem mesmo deixe claro que ele efetua uma citação por intermédio de um verbo *dicendi* introdutor, de um inciso, etc. A propriedade de citação é marcada apenas por um deslocamento interno à enunciação, que pode ser de natureza gráfica, fonética, paralingüística. O enunciado citado é apresentado em seu significante, dentro de uma lógica de discurso direto, mas levada ao extremo: não se trata apenas de simular – como geralmente ocorre no discurso direto –, mas de restituir o próprio significante. Contudo, essa restituição pode aceitar uma dose de variação, como freqüentemente se mostrou para formas ainda que comumente consideradas cristalizadas, os provérbios. A restituição do significante é evidentemente associada ao fato de que não há indicação da fonte da fala citada.
- O locutor que cita mostra sua adesão ao enunciado citado, que pertence àquilo que se poderia denominar um *Thesaurus* de enunciados de contornos mais ou menos fluidos, indissociável de uma comunidade onde circulam esses enunciados e que, precisamente, se define de maneira privilegiada por compartilhar tal *Thesaurus*. Por sua enunciação, o locutor que cita pressupõe pragmaticamente que ele mesmo e seu alocutário são membros dessa comunidade, que eles são arrebatados em uma relação de tipo especular: o locutor cita aquilo que poderia/deveria ser dito pelo alocutário e, mais amplamente, por todo membro da comunidade que age de maneira plenamente conforme a esse pertencimento.
- Esse *Thesaurus* e a comunidade correspondente recorrem a um *hiperenunciador* cuja autoridade garante menos a verdade do enunciado – no sentido estreito de uma adequação à um estado de coisas do mundo –, e mais amplamente sua “validade”, sua adequação aos valores, aos fundamentos de uma coletividade.

Para dar conta deste sistema de particitação, Dominique Maingueneau evoca um conjunto de ocorrências de citações “sem autor”, certamente bem conhecidas em sua essência, mas que não foram tratadas conjuntamente. Não analisa detalhadamente as marcações enunciativas, nem propõe um modelo preciso dos fenômenos evocados. Isso, segundo o autor, poderia parecer prematuro, considerando o baixo grau de estabilidade desse campo. Trata-se, na verdade, de lançar um olhar diferente sobre fenômenos que, geralmente, são abordados por meio de outras perspectivas.

Em *A noção de hiperenunciador*, ao analisar textos “sem autor”, como as particitações sentenciosas (a enunciação proverbial, o adágio jurídico), as particitações gráficas (as citações conhecidas, a particitação humanista, o *thesaurus* bíblico), as particitações de grupo (as particitações militantes [o slogan, o grito da torcida]) e as particitações de comunhão (orações, particitação com intérprete), entre outros, Maingueneau procura evidenciar que nesses textos é possível distinguir “os locutores empíricos, os indivíduos que compõem o grupo (o que não interessa à AD); o ator coletivo do qual esses locutores empíricos participam: um partido, um conjunto de manifestantes, uma associação e o *hiperenunciador* que funda os diversos pontos de vista expressos por esse ator: “a Esquerda”, “a Nação”, “o Clube”, etc” (Maingueneau, 2008a, p. 103). Desse modo, “enquanto [o ator coletivo] tem por referentes grupos de locutores que formam uma organização em um momento e lugar determinados, [o *hiperenunciador*] tem por referentes entidades de alguma forma transcendentais” (p. 103) que, em última instância, validam as enunciações. O autor distingue dois tipos de *hiperenunciador*: o individuado e o dóxico.

Quando o *hiperenunciador* é *individuado* (Deus, por exemplo) ou quando se trata de um tipo de um sujeito universal *dóxico* (provérbios, adágios...), pode-se lhe atribuir a responsabilidade de conteúdos proposicionais. Com um *hiperenunciador* individuado, a explicitação desses conteúdos deve passar por uma hermenêutica mais ou menos codificada: o que Deus nos quer dizer com isso? Por outro lado, quando não se trata de um *hiperenunciador* individuado e sim dóxico (*corpus* huma-

nista, contos populares, orações...), a situação é mais delicada. Trata-se, neste caso, mais de uma instância responsável por uma memória do que uma consciência propriamente dita. Certamente, fala-se comumente de “espírito” de um grupo, mas trata-se de um *ethos* mais ou menos especificado, não de conteúdos proposicionais. No limite, isso pode ser uma identidade sem propriedades semânticas especificadas: *particitar* um verso de um poeta célebre, por exemplo, corresponde a mobilizar uma instância de *hiperenunciação* inominável, aquela que dá sustentação ao patrimônio artístico, cultural de uma comunidade. (Maingueneau, 2008a, p. 109)

### 3. Análise do corpus

#### 3.1. Autoria

O gênero sermão possui como uma de suas características enunciativas mais marcantes o fato de se constituir num espaço discursivo bastante heterogêneo, um *carrefour* de vozes em que o discurso bíblico serve de ponto de partida para um comentário: a pregação do orador. Entretanto, nessa relação, aparentemente dialógica, há uma assimetria entre um texto primeiro (uma citação bíblica) e um texto segundo (um comentário do orador sobre o texto bíblico), uma vez que o texto primeiro, diferentemente do segundo, é um monumento no qual uma Fonte transcendente revela uma mensagem. Observemos o início do sermão:

***Semen est verbum Dei.*** S. Lucas, VIII, 11. *E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.*  
***Ecce exiit qui seminat, seminare.*** Diz Cristo que «saiu o pregador evangélico a semear» a palavra divina. (VIEIRA, 1965, p. 1) (*grifos meus*).

No fragmento anterior, é possível observar que o locutor inicia sua pregação citando em Latim um fragmento do texto bíblico: *Semen est verbum Dei. É a palavra de Deus que está sendo não apenas dita pelo orador, mas ditada por*

*essa entidade divina. É como se o pregador estivesse recebendo uma inspiração da entidade divina. Assim, embora o comentário seja produzido por um locutor, o texto não possui um autor no sentido usual deste termo. O autor é apenas o representante, o porta-voz de uma Entidade sem rosto: Deus, Jesus Cristo. Com efeito, o fato de a posição autor não poder ser preenchida por um autor possibilita que o texto se abra para múltiplas interpretações. Essas interpretações, no entanto, são regradas por um quadro hermenêutico que tem por função validar tanto as interpretações possíveis quanto os intérpretes competentes para tal finalidade. Todavia, este comentador deverá ter necessariamente uma relação privilegiada com a Fonte do texto. A cada interpretação, o comentador deverá legitimar, por um lado, tanto o seu lugar de orador quanto o do seu ouvinte e, por outro, legitimar o pertencimento do texto comentado ao quadro hermenêutico. Nesse processo, o intérprete está também legitimando o próprio quadro hermenêutico.*

### **3.2. O texto destacado**

Vimos que o sermão parte de uma citação bíblica, ou seja, o pregador ancora a sua fala sobre um fragmento da Escritura. O destaque de enunciados do texto bíblico, entretanto, não se dá somente no início do sermão. Ele está presente no texto como um todo. Os fragmentos destacados não são enunciados descontextualizados. Trata-se, na verdade, de um enunciado com sentido completo, mas que deverá ser traduzido pelo orador. Pela sua proximidade com a entidade divina, esse orador é o único capaz de realizar tal tradução. Vejamos mais um fragmento do sermão:

Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo Mundo, disse-lhes desta maneira: Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae: «Ide, e pregai a toda a criatura». Como assim, Senhor?! Os animais não são criaturas?! As árvores não são criaturas?! As pedras não são criaturas?! Pois hão os Apóstolos de pregar às pedras?! Hão-de pregar aos troncos?! Hão-de pregar aos animais?! Sim, diz S. Gregório, depois de Santo Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as



nações do Mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. E quando os pregadores evangélicos vão pregar a toda a criatura, que se armem contra eles todas as criaturas?! Grande desgraça!

No fragmento em análise, é possível observar que o pregador realiza uma dupla tradução: a primeira é feita em relação à passagem do Latim para o Português: *Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae: «Ide, e pregai a toda a criatura»*, a segunda, por sua vez, se dá no trabalho interpretativo que o pregador realiza, explicitando o conteúdo da Palavra de Deus: (...) *Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do Mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras...* A interpretação do fragmento destacado do texto bíblico se constrói por meio do trabalho de contextualização do pregador, isto é, o texto destacado não possui um sentido que lhe é imanente. É o pregador que, inspirado em Deus, oferece ao ouvinte os caminhos interpretativos pelos quais esse alocutário deverá transitar.

É possível observar, também, um desnível entre o Latim, língua da igreja, e o Português, língua do público para o qual o sermão é destinado. Falamos em desnível, pois essas duas línguas não são acessíveis a todos. Somente o pregador está autorizado a enunciar na língua da igreja e também a traduzir essa língua para o público. Poderíamos dizer que essa tradução se dá pelo fato de o público não ser proficiente em Latim. Todavia, não se trata simplesmente de uma tradução, mas da palavra Deus sendo dita por um porta-voz legitimado. Ademais, o pregador, ao enunciar em nome e na língua de Deus, regula as possíveis interpretações do público, orientando-o em direção a uma argumentação que lhe seja favorável.

### 3.3 O hiperenunciador

O desnível entre o Latim, língua de Deus e da igreja, e o Português, língua do público, mostra-nos também que é possível observar uma terceira instância enunciativa funcionando nesse processo discursivo. Tomemos mais um fragmento do sermão:

Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara aonde eu fui, e para onde venho. Tudo o que aqui padeceu o trigo, padeceram lá os semeadores. Se bem advertirdes, houve aqui trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido e trigo pisado. Trigo mirrado: *Natum aruit, quia non habebat humorem*; trigo afogado: *Exortae spinae suffocaverunt illud*; trigo comido: *Volucres caeli comederunt illud*; trigo pisado: *Conculcutum est*. Tudo isto padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão de doze anos a esta parte. Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos Aroãs; houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocatis, mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que andando vinte e dois dias perdido nas brenhas matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas. Vede se lhe quadra bem o *Notum aruit, quia non habebant humorem!* E que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens: *Conculcatum est!* Não me queixo nem o digo, Senhor, pelos semeadores; só pela seara o digo, só pela seara o sinto. Para os semeadores, isto são glórias: mirrados sim, mas por amor de vós mirrados; afogados sim, mas por amor de vós afogados; comidos sim, mas por amor de vós comidos; pisados e perseguidos sim, mas por amor de vós perseguidos e pisados.

No excerto anterior, é possível observar que existem três instâncias enunciativas participando da enunciação. Inicialmente temos um pregador, um locutor: instância primeira, depois um público, um alocutário: instância segunda, e, por último, um terceiro enunciador, entidade divina, que

valida a fala do pregador, perante o público. *Se bem advertirdes, houve aqui trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido e trigo pisado. Trigo mirrado: Natum aruit, quia non habebat humorem; trigo afogado: Exortae spinae suffocaverunt illud; trigo comido: Volucres caeli comederunt illud; trigo pisado: Conculcutum est.* Do mesmo modo que na enunciação proverbial, a Sabedoria das Nações, o Sujeito Universal fala por intermédio do locutor, no Sermão da Sexagésima temos um enunciador divino que fala por meio do pregador. Tanto na enunciação proverbial quanto na pregação de Antônio Vieira, temos um hiperenunciador validando as falas dos locutores, perante os alocutários. Há que se ressaltar, no entanto, que no primeiro caso, temos um hiperenunciador dóxico e, no segundo, um hiperenunciador individuado. Ao primeiro tipo de hiperenunciador, pode-se lhe atribuir à responsabilidade pelos conteúdos proposicionais da sua enunciação. Em relação ao segundo tipo, entretanto, os conteúdos proposicionais da enunciação sofrem um regramento maior, visto que a interpretação deve se inscrever necessariamente num quadro hermenêutico prévio, pois, no momento que a palavra de Deus é enunciada, ela sempre quer nos dizer alguma coisa. *Vede se lhe quadra bem o Notum aruit, quia non habebant humorem! E que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens: Conculcatum est!* De outro modo, a palavra divina nos constrange a interpretá-la, interpretação essa, entretanto, que deverá ser realizada por um sujeito autorizado. Observemos mais um fragmento:

Agora torna a minha pergunta: E que faria neste caso, ou que devia fazer o semeador evangélico, vendo tão mal logrados seus primeiros trabalhos? Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-ia ocioso no campo, só porque tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse muito depressa a buscar alguns instrumentos com que alimpar a terra das pedras e dos espinhos, seria isto desistir? Seria isto tornar atrás? -- Não por certo. No mesmo texto de Ezequiel com que arguistes, temos a prova. Já vimos como dizia o texto, que aqueles animais da carroça de Deus, «quando iam não tornavam»: *Nec revertebantur, cum ambularent.* Lede agora dois

versos mais abaixo, e vereis que diz o mesmo texto que «aqueles animais tornavam, e semelhança de um raio ou corisco»: *Ibant et revertebantur in similitudinem fulgoris coruscantis*. Pois se os animais iam e tornavam à semelhança de um raio, como diz o texto que quando iam não tornavam? Porque quem vai e volta como um raio, não torna. Ir e voltar como raio, não é tornar, é ir por diante. Assim o fez o semeador do nosso Evangelho. Não o desanimou nem a primeira nem a segunda nem a terceira perda; continuou por diante no semear, e foi com tanta felicidade, que nesta quarta e última parte do trigo se restauraram com vantagem as perdas do demais: nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se, mediu-se, achou-se que por um grão multiplicara cento: *Et fecit fructum centuplum*.

No fragmento anterior, é possível observar que o enunciador busca no *thesáuros* bíblico as falas com as quais tece a sua pregação. Essas falas são colocadas pelo orador numa relação de equivalência. *No mesmo texto de Ezequiel com que argüistes, temos a prova. Já vimos como dizia o texto, que aqueles animais da carroça de Deus, «quando iam não tornavam»: Nec revertebantur, cum ambularent. Lede agora dois versos mais abaixo, e vereis que diz o mesmo texto que «aqueles animais tornavam, e semelhança de um raio ou corisco»: Ibant et revertebantur in similitudinem fulgoris coruscantis. Pois se os animais iam e tornavam à semelhança de um raio, como diz o texto que quando iam não tornavam?* O pregador, pela sua própria maneira de falar, se constitui no único sujeito autorizado a diminuir o desnível entre a palavra divina e a palavra dos homens. *Agora torna a minha pergunta: E que faria neste caso, ou que devia fazer o semeador evangélico, vendo tão mal logrados seus primeiros trabalhos? Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-ia ocioso no campo, só porque tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse muito depressa a buscar alguns instrumentos com que alimpar a terra das pedras e dos espinhos, seria isto desistir? Seria isto tornar atrás? -- Não por certo.* Além disso, é possível observar que embora o pregador faça perguntas, essas perguntas não são dirigidas ao público. É o pregador quem as responde.

E ele o faz não apenas por uma questão estatutária, ou por uma estratégia retórica, mas para mostrar ao seu público que ele está habitado por Deus.

### **Brevíssimas “conclusões”**

Ao colocar em equivalência as vozes que constituem o seu discurso, anulando a assimetria existente entre elas, procurando transformar também a sua fala numa espécie de monumento, o pregador constrói uma imagem de si, um ethos de quem possui uma relação de muita proximidade com a entidade divina. O pregador é um sujeito que, em última instância, constrói o seu discurso não só transmitindo ensinamentos dogmáticos religiosos e práticos acerca da elaboração de sermões, mas, sobretudo, um sujeito que é porta-voz do hiperenunciador divino. Tal ancoragem no hiperenunciador divino é que permite a validação do discurso do pregador. Ou seja, não são somente os elementos lingüísticos e argumentativos que tornam firme a enunciação do pregador, mas principalmente a sua ancoragem na instância enunciativa do hiperenunciador. Assim, voltando à fala de Vieira, presente na epígrafe deste texto, diremos que *não basta que as coisas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande. Por isso os ditos que alegamos se chamam autoridade, por que o autor (sustentado pelo hiperenunciador) é o que lhe dá o crédito e lhe concilia o respeito.*

### **Referências**

MAINGUENEAU, D. *Cenas da Enunciação*. (Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez Sousa-e-Silva). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. A noção de hiperenunciador. Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In: *Cenas da Enunciação*. (Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez Sousa-e-Silva). São Paulo: Parábola Editorial, 2008<sup>a</sup>, p.93-111.

\_\_\_\_\_. Citação e detacabilidade. Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In: *Cenas da Enunciação*. (Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez Souza-e-Silva). São Paulo: Parábola Editorial, 2008b, p.75-92

\_\_\_\_\_. Polifonia e cena de enunciação na pregação religiosa. Tradução Gláucia Muniz Proença Lara, Aline Saddi Chaves e Ida Lúcia Machado. In: *Análises do discurso hoje*. (Organização de Gláucia Muniz Proença Lara, Ida Lúcia Machado e Wander Emediato). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008c, p. 195-210.

VIEIRA, A. *Sermão da sexagésima*. [www.dominiopublico.br](http://www.dominiopublico.br) acesso em 07/11/2008.

Recebido: 30/10/08    Aceito: 17/11/08